

**A construção da masculinidade em *Of Mice and Men*,
de John Steinbeck**

***The Construction of Masculinity in Of Mice and Men*
by John Steinbeck**

Ânderson Martins Pereira

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil
andersonmartinsp@gmail.com

Daniele Gallindo Gonçalves Silva

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil
danigallindo@yahoo.de

Resumo: O presente artigo busca discutir a construção das masculinidades em *Of Mice and Men* (1937), de John Steinbeck, questionando-se acerca da formação das masculinidades no espaço rancheiro estadunidense e tomando como foco principal os personagens Lennie e George. Para tal, este trabalho se utiliza das contribuições de Connel e Messerschmidt (2013), Connel (2005), Reeser (2010) e Laing (1969). Este estudo justifica-se por contribuir com os estudos acerca da masculinidade, os quais têm se destacado nas últimas décadas e têm tornado disponíveis novas ferramentas para a exposição e imposição masculina.

Palavras-chave: estudos de gênero; John Steinbeck; masculinidades.

Abstract: The present paper aims to discuss the construction of masculinities in *Of Mice and Men* (1937) by John Steinbeck, eliciting the elements that are in the formation of masculinities in North-American rancher space and taking as its main course of analysis the characters Lennie and George. For such purpose, this paper is based on the contributions of Connell and Messerschmidt (2013), Connell (2005), Reeser (2010) and Laing (1969). This paper is justified to contribute with the studies about masculinity, which have stood out in recent decades and have made available new tools for dealing with men exposition and imposition.

Keywords: Gender studies; John Steinbeck; masculinities.

Recebido em: 15 de julho de 2016.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

Introdução

A pergunta “o que faz do homem um homem?” é um questionamento abrangente e até mesmo de cunho filosófico. Contudo, ainda que o ser humano tenha se questionado sobre sua própria existência sob um viés antropocêntrico, e que este termo presumisse facilmente um centro masculino, o estudo acerca das masculinidades é, de certa forma, recente. Ainda que o masculino tenha sido exposto teoricamente desde os estudos de Freud, quando este se debruçara sobre a questão de formação da personalidade e da fragilidade da autoconceituação no que tange ao gênero e à heterossexualidade, os estudos acerca do(s) masculino(s) somente floresceram nas últimas décadas. Ainda assim, algumas pesquisas¹ vêm ganhando visibilidade e possibilitado novos olhares acerca da figura masculina, seja ela estabelecida no campo do real ou no campo da ficção.

Leituras críticas que problematizem questões de gênero na obra *Of Mice and Men* são poucas e, em geral, têm enfoque no feminino, seja na busca de uma justificativa para a quase ausência deste gênero na narrativa, seja no estudo acerca da personagem “esposa de Curley”. Neste sentido, é interessante destacar o artigo de Mark Spilka, no compêndio *The Essential Criticism of John Steinbeck's Of Mice and Men*, visto que seu texto objetiva um olhar para o masculino, principalmente para os companheiros George e Lennie. No capítulo intitulado “Of George and Lennie and Curley's Wife: Sweet Violence”, Spilka propõe analisar Lennie não enquanto masculino, mas sim como representante feminino perante o masculino que seria George.² Entretanto, a análise da relação dos personagens é principalmente uma relação entre gêneros e não objetiva um foco pungente no masculino.

¹ Dentre os textos basilares que apontam para uma discussão acerca do masculino como elemento central, destacamos: CARRIGAN; CONNELL. *Toward a new sociology of masculinity*; CONNELL. *Gender and power: society, the person and sexual politics*; e METZ-GÖCKEL; MÜLLER. *Der Mann*.

² Cf. SPILKA. *Of George and Lennie and Curley's Wife: sweet violence*, p. 63.

Este trabalho propõe, destarte, um olhar mais acurado para os personagens masculinos. Harold Bloom, em *Bloom's Guides: Of Mice and Men*,³ pontua que existe uma qualidade mítica na obra e nela George e Lennie representariam algo muito *maior* que a si mesmos. Este trabalho busca, indo ao encontro da assertiva de Bloom, abordar os personagens como representantes míticos da masculinidade que carregam. Neste contexto, o entorno e os padrões seguidos e impostos serão levados em consideração a partir dos estudos da masculinidade, com a finalidade de refletir sobre a novela e questionar o que faz de Lennie Small e George Milton personagens masculinos e que tipo de masculino é, portanto, representado neles. Para tal, serão utilizados para análise aportes teóricos oriundos das pesquisas de Connell,⁴ uma das principais teorias na questão da construção social da masculinidade; de Reeser,⁵ que atualiza a discussão em torno da masculinidade; e de Laing,⁶ o qual, embora não tenha como foco principal as masculinidades, é apontado por Connell como um dos precursores de estudos do constructo social masculino. A inclusão de Laing se embasa na necessidade de lidar com a masculinidade de Lennie, personagem da novela que apresenta alguns problemas de cunho psicológico. Ainda que a representação dessa masculinidade seja diferenciada, a figura continua a ser percebida também como pertencente ao cenário masculino, estando sujeita aos ônus e aos bônus atribuídos a seu gênero na sociedade em que está circunscrita.

Construções de masculinidades em *Of Mice and Men*

Definir o conceito de masculinidade é uma tarefa complexa, pois ele é plural e não singular. Reeser introduz a busca de um ideário de masculinidade que se hibridiza com o indivíduo que almeja o pertencimento a tal ideal; este processo acaba por criar vários tipos distintos de masculinidades.⁷ O autor também pontua a incapacidade de chegar a um ideário de originalidade. Todavia, o conceito de masculinidade hegemônica criado por Connell⁸ demonstra uma tentativa

³ BLOOM. *Bloom's Guides: Of Mice and Men*, p. 9.

⁴ CONNELL. *Masculinities*.

⁵ REESER. *Masculinities in Theory*.

⁶ LAING. *The Divided Self*.

⁷ Cf. REESER. *Masculinities in Theory*.

⁸ CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.

de padronização do masculino e também masculinidades que suportam tal modelo, ainda que não se encaixem nele. Para tal definição de hegemonia, prefere-se aqui não a personificação do modelo em uma figura idealizada ou almejada, mas sim um ideal de masculino basicamente inatingível, pois como afirmado por Connell e Messerschmidt

as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero.⁹

Na passagem acima, os autores apontam para um ideal que é padronizado em relação a outras masculinidades que o sustentam. Contudo, ainda que estas masculinidades não alcancem este ideal, elas estabelecem relações de poder e hierarquia umas com as outras. Esse poder pode ser atribuído por meio da proximidade ao hegemônico ou mesmo por um pertencimento ou exclusão de valores estabelecidos culturalmente.

O contexto histórico em *Of Mice and Men* é o da Grande Depressão, e por causa deste momento econômico, o dinheiro se torna escasso e os protagonistas George e Lennie são forçados a viver como errantes em busca de emprego em fazendas para obter o básico de alimento e moradia. O sonho dos personagens é juntar algum dinheiro e comprar uma pequena porção de terra, onde possam criar animais e plantar legumes e verduras para consumo próprio. A narrativa possui majoritariamente personagens masculinos, que não apenas buscam subsistir, mas tentam formar laços com outros personagens. A solidão pode ser considerada tema da obra e reflete o desamparo do povo, ocasionado pelo mal-estar econômico infligido à população da Califórnia. Este contexto é fundamental para pensarmos a figura masculina, pois para Connell e Messerschmidt “é desejável eliminar qualquer uso da masculinidade hegemônica como fixa, como um modelo trans-histórico. Esse uso viola a historicidade do

⁹ CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, p. 253.

gênero e ignora a evidência massiva das transformações nas definições sociais da masculinidade”.¹⁰

Dessa forma, o masculino discutido aqui é o americano, pertencente ao momento da Grande Depressão, e são estes elementos que nos ajudam a melhor entender os aspectos sociais que perpassam a vida de George e Lennie. A narrativa é ambientada no sul estadunidense: os personagens migram de um rancho no norte da Califórnia para um espaço sulista, o que torna mais premente a subsistência rural, a qual também é enfatizada pela crise. Neste contexto, George ressalta que os rancheiros têm incutido à sua existência um ideal de masculinidade que ao mesmo tempo os norteia e escraviza.

Caras como nós, que trabalham em ranchos, são os caras mais solitários do mundo. Eles não têm família. Não pertencem a nenhum lugar. Eles vão para um rancho, trabalham por um montante de dinheiro e depois vão para a cidade e o gastam, e a primeira coisa que fazem depois é balançarem seu rabo em outro rancho. Eles não têm nada que os faça olhar adiante.¹¹

Na passagem acima, é sintomática a fala de “caras como nós”, o que demonstra que existe um ideal de homens como eles – uma questão de construção identitária pela identificação com um determinado modelo e a exclusão de outros – e que estes não podem ter sonhos que envolvam família, a posse de um lugar próprio ou a quebra da relação de subserviência para com o dono do rancho. Ainda assim, George não deixa de criticar tal estrutura, representando a figura de pertencimento de homens rancheiros a este sistema como animais que balançam a cauda para seus amos. Está implícita a esta comparação a relação de subserviência, como se ela fosse inferior e, de certa forma, indigna e comparável à figura do cachorro que segue ordens sem jamais criticá-las. Ainda que a masculinidade dos rancheiros suporte outros modelos

¹⁰ CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, p. 252.

¹¹ “Guys like us, that work on ranches, are the loneliest guys in the world. They got no family. They don’t belong no place. They come to a ranch an’ work up a stake and then they go inta town and blow their stake, and the first thing you know they’re poundin’ their tail on some other ranch. They ain’t got nothing to look ahead to” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 13, tradução nossa).

como o do dono do rancho, ou de certos habitantes da cidade, George e Lennie buscam outros ideais e, para se manterem em tal modelo, sonham com a possibilidade de em um futuro terem um local para chamar de seu.

Ainda assim, a masculinidade de George e Lennie não é apenas vista como subordinada a um modelo ou a outras masculinidades, mas detém certa hegemonia atribuída ao seu tom da pele. Ambos os personagens são brancos e ficam em um galpão com os demais empregados de mesma cor. Neste cenário, Crooks tem sua própria sala, o que é um demérito, pois ele é privado da companhia dos demais por ser negro. Ainda que desempenhe o mesmo trabalho dos brancos, ele não pode pertencer ao mesmo grupo, pois a coloração de sua pele o proíbe de adentrar o galpão. Essa questão racial fica muito clara na fala do personagem: “Porque eu sou preto. Eles jogam cartas lá, mas eu não posso jogar porque sou preto. Eles dizem que eu fedo. Bem, eu te digo, vocês todos fedem para mim”.¹² O adjetivo *stink* pode ser traduzido como feder, ter um odor ruim ou pior ao dos homens brancos, mas também pode ser entendido como desabono em vários quesitos. *Stink* é um xingamento, geralmente observado em crianças, e que seria facilmente traduzido como “você vale menos que eu” ou “não é tão bom quanto”; essa leitura pode ser feita na relação entre ambos os sentidos. Ainda que o personagem tente reproduzir o mesmo cerceamento, não deixando brancos entrarem em seu quarto, ou dizendo que são eles que “fedem”, fica clara sua vontade de juntar-se aos brancos, jogar cartas e conversar. Sendo assim, tentar repetir a restrição imposta pelos brancos é uma forma de validar sua masculinidade negra.

“Eu nasci bem aqui na Califórnia. Meu velho pai tinha um rancho de galinhas de mais ou menos dez acres. As crianças brancas vinham para brincar no nosso rancho, algumas vezes eu fui brincar com eles e alguns deles eram bem legais. O meu velho pai não gostava disso. Eu nunca soubera, até muito depois, o porquê de seu desgosto, mas hoje eu sei.” Ele hesitou e quando falou novamente sua voz era mais suave. “Não havia outra família de cor em milhas e não há um homem de cor neste rancho. Existe somente

¹² “Cause I’m black. They play cards in there, but I can’t play because I’m black. They say I stink. Well, I tell you, you all of you stink to me” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 71, tradução nossa).

uma família em Soledad.” Ele riu. “Se eu disser algo, ora, é apenas um negro o dizendo.”¹³

A passagem acima traz em si algumas questões acerca dessa construção de masculinidade negra que podem ser pontuadas. A primeira é a impossibilidade de inversão de valores raciais, no caso do pai de Crooks, ele tinha um rancho. Ainda que o motivo não apareça textualmente, fica claro que o branco é o motivo da derrocada da família, a qual não poderia possuir terras enquanto houvesse brancos em uma situação inferior. O que o rancheiro não compreendia e, posteriormente, percebe, é o fato de que negros e brancos não poderiam deixar de lado as questões raciais: fazia parte daquele sistema. Outra questão premente na passagem acima é a sustentação dos modelos hegemônicos brancos pelas masculinidades subordinadas negras. O que se infere do desgosto do pai é o fato de que os brancos consideravam os negros inferiores e detinham mais poder do que o seu pequeno filho, podendo até mesmo prejudicá-lo. Padrões vão sendo introjetados, não apenas pela masculinidade dominante, mas também reproduzidos pelas dominadas, como no caso do pai do personagem.

Ainda sobre a questão de modelos de suporte à hegemonia de determinadas masculinidades, é interessante a perspectiva de Reeser acerca da invenção da masculinidade como centro de poder. Para o autor, os homens não teriam poder para criar e difundir tal modelo, ou seja, o controle masculino fora dado e continua a ser perpetuado também pelos femininos que o suportam.¹⁴ Obviamente, tal assertiva não desconsidera que é o homem quem mais obtém vantagem de tal situação. Entretanto, o papel de indivíduos que compartilham e suportam tais sistemas é crucial para a manutenção do mesmo.

¹³ ““I was born right here in California. My old man had a chicken ranch, ’bout ten acres. The white kids come to play at our place, an’ sometimes I went to play with them, and some of them was pretty nice. My ol’ man didn’t like that. I never knew till long later why he didn’t like that. But I know now.’ He hesitated, and when he spoke again his voice was softer. ‘There wasn’t another colored family for miles around. And now there ain’t a colored man on this ranch an’ there’s jus’ one family in Soledad.’ He laughed. ‘If I say something, why it’s just a nigger sayin’ it” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 73, tradução nossa).

¹⁴ REESER. *Masculinities in Theory: an Introduction*.

Neste mesmo sentido, Lennie se espelha em George e imita seus trejeitos, tomando-o como modelo. O personagem tenta representar identitariamente o que é esperado dele. Esta leitura pode ser feita principalmente tomando como foco de análise o trabalho braçal e, neste campo, o personagem torna-se um exímio empregado ao reproduzir um ideal de homem trabalhador, o que, aliado à sua força física, o torna o melhor e mais rápido labutador do rancho. Observa-se isto no reconhecimento de George: “Oh, eu não disse que ele é esperto. Ele não é, mas eu digo que ele é um baita trabalhador. Ele pode aguentar um fardo de quatrocentas libras.”¹⁵ O fato de Lennie poder, graças à sua força física, desempenhar um trabalho considerado como tipicamente masculino de melhor forma do que os demais, torna-o respeitado na comunidade masculina dos rancheiros, apesar de ser reconhecido que o personagem não é “esperto”. Ser homem em uma realidade especificamente rancheira está mais ligado à força do que ao intelecto crítico. Um homem deve lavrar a terra, deve ser forte e impor sua força quando necessário.

“Olha, Lenie! Isto aqui não é uma brincadeira. Eu estou assustado. Você vai ter problemas com este tal de Curley. Eu já vi este tipo antes, ele está te testando. Ele percebe que te deixa com medo e ele vai tentar te acertar na primeira chance que ele tiver.”¹⁶

Na citação acima, pode-se perceber que ainda que Lennie não seja afeito à violência, matando animais por acidente e por falta de destreza, é esperado dele um comportamento que assegure sua capacidade de luta e autodefesa. Ao demonstrar medo, ele está sujeito à violência, e isto se justifica na necessidade de seu agressor de demonstrar a supremacia física que possui e validar seu lugar de dominância sobre os outros masculinos. Esta configuração, embora pareça animalesca, é endossada pela cultura dos rancheiros. Tal assertiva é reforçada pelos conselhos de George, que parte do pressuposto de que ainda que seu amigo não deseje tomar uma

¹⁵ “Oh! I ain’t saying he’s bright. He ain’t. But I say he’s a God damn good worker. He can put up a four hundred pound bale” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 22, tradução nossa).

¹⁶ “Look, Lennie! This here ain’t no set up. I’m scared. You gonna have trouble with that Curley guy. I seen that kind before. He was kinda feelin’ you out. He figures he’s got you scared and he’s gonna take a sock at you the first chance he gets” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 27-28, tradução nossa.).

atitude violenta, tal *performance* deverá ser encenada, pois do contrário seu amigo poderá sofrer com o *bullying* e com a agressão do seu algoz e de outras figuras masculinas em busca da mesma legitimação.

Todavia, no personagem Lennie estão presentes dois processos distintos de obtenção de modelos masculinos. No primeiro, existe uma tentativa de adequação a um modelo hegemônico de masculinidade criado pela comunidade; este processo é o método normal de aquisição de modelos. No segundo momento é que se encontra uma diferença na personalidade esquizoide, como é o caso de Lennie. Há nestes indivíduos, segundo Laing,¹⁷ a tentativa do que ele chama de “eu fictício”, isto é, de incorporar características de outrem que lhe seja próximo ou o qual este eu sinta haver uma relação de poder. Assim, a representação de características do alvo torna-se, também, um mecanismo de sobrevivência. Este último caso é relevante para análise, pois George gere a vida de Lennie e desempenha uma relação muito mais próxima à paternidade do que à amizade.

Eu te peguei! Você não consegue manter um trabalho e sempre me faz perder todos os trabalhos que arrumo. Continua, apenas, me atirando por todo o país o tempo todo e este não é o pior: você se mete em apuros, você faz coisas ruins e eu tenho que te tirar das enrascadas.¹⁸

Lennie, considerando George o seu norte, tenta adequar-se às expectativas de George e seu fracasso se dá não pela falta de vontade, mas pela sua deficiência mental. A conduta de Lennie deve corresponder ao esperado por George. Uma passagem sintomática disto na obra é a apresentação dos personagens aos demais rancheiros, na qual Lennie “estava olhando desamparadamente para George, esperando instruções”.¹⁹ Lennie prefere o silêncio a falar algo que cause problemas a George ou a ambos. Ele demonstra que não sabe portar-se como um masculino pertencente a tal comunidade e esperar pelas diretrizes de George.

¹⁷ LAING. *The divided Self*.

¹⁸ “I got you! You can’t keep a job and you lose me ever’ job I get. Jus’ keep me shovin’ all over the country all the time. An’ that ain’t the worst. You get in trouble. You do bad things and I got to get you out” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 11, tradução nossa).

¹⁹ “[...] was looking helplessly to George for instruction [...]” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 26, tradução nossa).

Eles não assumem um jeito compulsivo autônomo próprio, de tal modo que o indivíduo sente que eles o estão “vivendo” ou mesmo o matando, mais do que ele está vivendo-os. A questão, de qualquer forma, não surge com intensidade tão dolorosa que ele deve atacar e destruir esta realidade alienígena dentro de si como se ela tivesse uma existência (pessoal) quase separada. Por outro lado, em contraste, estas características, ausentes no “normal”, estão muito presentes no sistema de eu fictício esquizoide.²⁰

Como pontuado por Laing, existe uma luta interna para o controle do corpo e uma certa culpabilidade entre estes dois “eus” que buscam ininterruptamente esse controle. Na obra, as forças contrárias entre os eus não se mostram externamente ao personagem Lennie, que demonstra certa constância no trato social, mas se personificam. A primeira delas é a aparição de Tia Clara, que tenta perpetuar em Lennie a adequação ao modelo de conduta prescrito por George, e neste pode-se destacar também o viés da masculinidade, pois essa aparição culpa o personagem por não deixar George viver sua vida e exercer sua sexualidade em um bordel, o que seria normal para um rancheiro em sua idade. A segunda aparição é a de um coelho gigante que opera as vias da “sanidade” e propõe um rompimento com George. O coelho culpa Lennie por ser quem ele é e, ao mesmo tempo, desafia sua sobrevivência advertindo que George não só o proibiria de ter coelhos como também o espancaria com um pedaço de pau.

Estas duas figuras aparecem em um momento de decisão do personagem, no qual ele deve decidir-se quanto a se esconder e esperar as diretrizes de George ou fugir sozinho, bem como representam esta ambivalência de medos no curso de ação a ser tomado por Lennie. Todavia, em nenhum momento existe a real possibilidade de uma quebra com o sistema masculino representado por George, o que há é a proposta de evasão, visto a incapacidade do personagem de adequar-se à comunidade, seu histórico e sua tendência de repetição dos mesmos atos que o criminalizaram.

²⁰ “They do not assume an autonomous compulsive way of their own, such that the individual feels that they are ‘living’ or rather killing him, rather than he living them. The issue, at any rate, does not arise with such painful intensity that he must attack and destroy this alien reality within himself as though it had an almost separate (personal) existence. By contrast, however, these characteristics, absent in the ‘normal’, are very much present in the schizoid false-self system” (LAING. *The Divided Self*, p. 95, tradução nossa).

Para melhor entender as relações entre as duas polaridades é necessário perceber como funciona o que para Laing²¹ representaria o eu interno e relacioná-lo a Lennie. Segundo o autor, este “eu” lida com a fantasia e com a observação. Desta forma, pode-se dizer que o personagem se expressa como indivíduo apenas quando se relaciona com seu mundo de sonhos. George mitifica um espaço de sonho, o espaço que receberia a ambos no futuro, e é esta porção de terra mitificada que é utilizada para manter o eu interno de Lennie sob controle. O conceito de espaço mítico de Yi-Fu Tuan é duplo, sendo um referente ao mito e relegado ao puramente imaginário, e o outro é o mítico causado pela não experimentação de um determinado espaço, o que faz com que este seja imaginado com base em relatos e na lógica do já vivido. Nas palavras de Tuan: “Os erros fatuais abundam no campo não percebido. Este campo não percebido é o espaço mítico irreduzível de cada homem, o ambiente impreciso do conhecido que dá ao homem confiança no conhecido”.²² Como visto na passagem acima, o espaço mítico se concebe, também, a partir do real. A partir desta noção de espaço, pode-se pensar que este é fundamental para o controle de Lennie, que é levado ao espaço mítico de sonho, onde poderia exercer seu eu interior sem interferências, fazendo o que mais gostava, como, por exemplo, criar coelhos.

Sobre cada beliche havia pregada uma caixa de maçã com a abertura para frente, formando duas prateleiras para os pertences pessoais do ocupante do beliche. E estas prateleiras estavam carregadas com pequenos artigos, sabão e pó de talco, lâminas de barbear e aquelas revistas de faroeste que homens do rancho amam ler e zombar e secretamente acreditar. E havia medicamentos nas prateleiras, e pequenos frascos, pentes; e nos pregos nos lados da caixa, algumas gravatas.²³

²¹ LAING. *The divided Self*.

²² TUAN. *Espaço e lugar*, p. 98.

²³ “Over each bunk there was nailed an apple box with the opening forward so that it made two shelves for the personal belongings of the occupant of the bunk. And these shelves were loaded with little articles, soap and talcum powder, razors and those Western magazines ranch men love to read and scoff at and secretly believe. And there were medicines on the shelves, and little vials, combs; and from nails on the box sides, a few neckties” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 17, tradução nossa).

O espaço mítico está visivelmente relacionado ao sonho desses rancheiros, e há, na passagem acima, índices no espaço físico deles que misturam elementos rotineiros de suas vidas, tais como talco e lâminas de barbear, com revistas de faroeste que lhes trariam novos espaços e ideias. Estas revistas não são descritas na obra, sabe-se, porém, que seriam objeto de escárnio social e que eram acreditadas e base para sonhos de futuros segredados. A negação e a chacota a tais realidades se fazem presentes por uma tentativa de legitimação de sua própria masculinidade e estilo de vida. O espaço físico torna-se sintomático também de um confinamento de tais masculinidades a lugares muito específicos, como o campo e o galpão, mas o que está fora destes espaços se mitifica, pois estes espaços, ainda que negados, se fazem presentes nos sonhos destes rancheiros.

A perspectiva de gênero adotada para tal trabalho é a de Connell,²⁴ a qual presumindo, pois, a dicotomia masculino e feminino, constrói o conceito de gênero, levando em consideração a *performance* social e histórica que extrapola o biológico. Connell concebe os conceitos de masculinidade e feminilidade como paralelos entre si; neste sentido, o gênero feminino atua na formação do masculino e vice-versa. Até agora, viu-se a relação dos homens na obra com seus pares. Contudo, uma visão ampla para estes masculinos sugere uma visão de sua relação com o análogo. Desta forma, pensar na masculinidade implica pensar no feminino.

Neste campo, há ênfase direta em duas personagens femininas da obra. A primeira é Tia Clara, cuja função na narrativa é estabelecer um prelúdio que ligue Lennie a George. A personagem pode ser considerada uma figura materna para Lennie e torna-se sintomática para a relação dos dois na medida em que incumbe George da missão de cuidar de Lennie, e este último de fazer tudo o que o primeiro disser. Pode-se afirmar, assim, que ela suporta a figura masculina de George. A segunda é a personagem nominada “esposa de Curley”, que só é identificada enquanto posse de um homem, que é o dono do rancho: só lhe é atribuída uma função social. A personagem não é afeita à dominação que é submetida, busca comunicar-se com os outros, mas é reduzida a objeto e considerada uma vagabunda pelos outros homens. Para merecer tal designação, a personagem simplesmente tenta conversar com os demais homens do lugar, quando tal disposição deve-se ao fato de ser a única mulher no

²⁴ CONNELL. *Masculinities*.

rancho e lutar contra a solidão como todos os demais. O problema está na sua condição feminina que, segundo os masculinos, deve ficar circunscrita ao espaço da casa, e este limite é imposto e reforçado por todos, menos por Lennie, que não percebe a estrutura, mas sabe que não deve falar com ela, pois já fora advertido por George.

“Ah, raios!”, disse ela. “Que tipo de mal estou fazendo a você? Parece que nenhum deles se importa como eu tenho que viver. Digo-lhe que não estou acostumada a viver assim. Eu poderia ter feito alguma coisa de minha vida”. Ela disse sombriamente: “Talvez eu ainda faça”. E, em seguida, suas palavras se esparramaram em uma paixão de comunicação, como se ela se apressasse antes de seu ouvinte lhe ser retirado.²⁵

No discurso acima, a personagem se dirige a Lennie e percebemos o desespero por comunicar-se com alguém e o medo de ser novamente rejeitada. Ela, após várias tentativas frustradas, tenta um diálogo, ainda que saiba que seu interlocutor não lhe proporcionará uma conversação adulta. A mulher, entretanto, procura um parceiro que a escute e a quem possa escutar. Neste mesmo sentido, David Buchbinder²⁶ pontua que a identidade masculina vem se fragmentando a partir da ocupação feminina de alguns espaços que eram tipicamente masculinos. Tanto na sociedade quanto na busca de apropriação dos espaços feitos pela personagem, esta disputa por agregar territórios ou mesmo partilhá-los não vem sem luta ou rechaço masculino: esta ocupação não é feita sem lutas e retaliações.

Outra questão que pode ser inferida é, também, a objetificação e animalização desse feminino pelos masculinos no texto. Tal leitura encontra espaço na forma da morte da personagem, a qual é acarinhada por Lennie como se fosse um dos seus sonhados coelhos e depois morta, assim como foram os animais que o personagem tentara ter de estimação. O afago que relembra a relação com um animal de estimação é o estopim para a morte, visto que seu cabelo é tão macio como o de coelhos.

²⁵ “‘Aw, nuts!’ she said. ‘What kinda harm am I doin’ to you? Seems like they ain’t none of them cares how I gotta live. I tell you I ain’t used to livin’ like this. I coulda made somethin’ of myself.’ She said darkly, ‘Maybe I will yet.’ And then her words tumbled out in a passion of communication, as though she hurried before her listener could be taken away” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 92, tradução nossa).

²⁶ BUCHBINDER. *Studying Men and masculinities*.

[...] ela lutou violentamente sob as mãos dele. Seus pés batiam no feno e ela se contorcia para se libertar. Sob a mão de Lennie, veio um grito abafado. Lennie começou a chorar de medo. “Oh! Por favor, não faça nada disso”, ele implorou. “George vai dizer que fiz uma coisa ruim. Ele não vai me deixar criar coelhos.” Ele moveu a mão um pouco e o grito rouco dela saiu. Então Lennie se irritou. “Agora, pare”, disse ele. “Eu não quero que você grite. Você vai me pôr em apuros exatamente como George disse que você iria. Agora, não faça mais isso.” E ela continuou a lutar, e seus olhos estavam selvagens de terror. Ele sacudiu-a então, e ele estava zangado com a moça. “Pare de gritar”, disse ele, e a sacudiu; e o corpo dela se debateu como um peixe. E então ela parou, pois Lennie tinha quebrado seu pescoço.²⁷

Na passagem acima estão representados os sentimentos de Lennie na morte da personagem e a comparação desta com os animais. A primeira questão é a do motivo da morte e, intrínseca a ela, está o fato de que as pessoas não poderiam saber que ele estava desobedecendo a George, que tinha lhe dito ser errado aproximar-se da mulher da casa central do rancho. O personagem não entende exatamente por que isto é errado, mas sabe que o descumprimento da vontade de George poderá alijá-lo da companhia do amigo e também do seu sonho de ter coelhos. Percebe-se que ele mata um corpo, ainda que por descuido, para poder ter seus coelhinhos, e a relevância da mulher frente aos coelhos é nula.

Outras comparações que animalizam este corpo que morre estão na descrição do ato em si. No momento da morte não lhe é permitido comunicar-se ou implorar por sua vida: ela é silenciada e,

²⁷ “[...] she struggled violently under his hands. Her feet battered on the hay and she writhed to be free; and from under Lennie’s hand came a muffled screaming. Lennie began to cry with fright. ‘Oh! Please don’t do none of that,’ he begged. ‘George gonna say I done a bad thing. He ain’t gonna let me tend no rabbits.’ He moved his hand a little and her hoarse cry came out. Then Lennie grew angry. ‘Now don’t,’ he said. ‘I don’t want you to yell. You gonna get me in trouble jus’ like George says you will. Now don’t you do that.’ And she continued to struggle, and her eyes were wild with terror. He shook her then, and he was angry with her. ‘Don’t you go yellin’, he said, and he shook her; and her body flopped like a fish. And then she was still, for Lennie had broken her neck” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 95, tradução nossa).

tendo seu pescoço quebrado, se debate como um peixe. O corpo, que sem consciência se contorce em espasmos até parar, faz da morte da personagem nada diferente da morte de outros pequenos animais.

Leighton Meester²⁸ acredita que a personagem representa um subtexto feminista na obra de Steinbeck. Para ela, o autor, ao inscrever a personagem no cenário da narrativa, busca problematizar a culpabilização da mulher e quais motivos levariam seus leitores, independentemente do gênero, a não mostrarem pena ou condescendência por ela. A atriz, a partir da crítica das reações do público em *performances* teatrais nas quais esteve presente, pontua que até mesmo a morte do cão choca mais o público do que a da mulher. Tal leitura, ainda que possível, encontra pouco fundamento quanto à intencionalidade de tal discussão pelo autor. Todavia, ainda que a intenção do autor seja difícil de ser comprovada, a reação das masculinidades frente à morte de uma mulher, cujo único pecado fora tentar ser tratada como um ser humano, é ao menos perturbadora sob o ponto de vista de igualdades de gênero.

A personagem é constantemente agredida verbalmente, e entre os adjetivos estabelecidos a ela figuram o de vagabunda, puta e vadia. Tal visão depreciativa é decorrente da necessidade da mesma de andar em espaços tipicamente masculinos e tentar aproximar-se de tais indivíduos. Além disso, mesmo tendo sua vida retirada por um homem, é considerada culpada pelo destino reservado a Lennie. Candy, outro trabalhador do rancho, verbaliza isso como última fala dirigida ao cadáver durante a novela: “‘Sua vadia danada’ ele disse maldosamente. ‘Você fez isso, não fez? Eu suponho que esteja feliz. Todos sabiam que você bagunçaria as coisas. Você não era boa e não é boa agora, sua libertina miserável’”.²⁹ A afirmação “eu suponho que esteja feliz” redimensiona este feminino a agente da ação e causador da própria morte, como se fosse sua culpa ter sido morta e tivesse ela, de alguma forma, provocado a própria morte. O velho personagem coloca o pensamento acerca deste feminino desviante como visão comunitária ao afirmar que “todos sabiam que você bagunçaria as coisas”. A questão é que a figura feminina não deixa de,

²⁸ MEESTER. *I'm not a Tart*.

²⁹ “‘You God damn tramp’, he said viciously. ‘You done it, di’n’t you? I s’pose you’re glad. Ever’body knowed you’d mess things up. You wasn’t no good. You ain’t no good now, you lousy tart’” (STEINBECK. *Of Mice and Men*, p. 100, tradução nossa).

por estar morta, causar problemas a estes personagens; ela segue sendo um problema e portadora da culpa, mesmo na morte.

A leitura da animalização da personagem feminina pode ser compreendida como uma animalização do humano na obra. Sendo este feminino a mulher do fazendeiro, Lennie necessita pagar por seu delito com a própria vida e, neste processo, morre da mesma forma que o cachorro do velho Candy, com um tiro na parte de trás da cabeça. Contudo, as relações de poder nitidamente masculinas estão presentes em ambas as mortes. Lennie e a mulher de Curley morrem como animais, mas ambos morrem pela mão de homens. O masculino é que tem gerência sobre vida ou sobre morte de homens e mulheres e, no caso de Lennie, não fosse ele morto por seu amigo George, seu destino seria ser linchado até a morte, ou seja, uma morte que se dá na e pela comunidade masculina.

Considerações finais

Nesse sentido, o presente trabalho analisou a representação da masculinidade do rancheiro na novela *Of Mice and Men* com foco principal nos personagens Lennie e George. A pergunta condutora deste artigo foi o que torna estes personagens masculinos. A resposta no caso de Lennie, por sua identidade esquizoide e as teorias expostas acima, parece mais clara. O grande norte na masculinidade de Lennie é George. O personagem busca sempre cumprir com suas expectativas e não com as do grupo em geral, ainda que o grupo o norteie de alguma forma. Na realidade, pode-se considerar George como estando em processo de aquisição de tais modelos. O grande norte estrutural para tais indivíduos é o familiar e este reduto familiar é para Lennie incorporado por George. A questão se torna mais complexa quando questionamos o que torna George um homem e essa discussão se dificulta, pois, ainda que tratemos de um personagem ficcional, definir o que o torna um sujeito masculino ou feminino não é fácil, mas é principalmente circunscrito a um lugar cultural, uma construção performática.

Para tal questionamento, fez-se necessário entender a masculinidade específica do rancheiro, cerceada no presente histórico da obra e, a partir da análise, pode-se depreender a adequação de George ao modelo imposto. A vontade de George de sair deste modelo, bem como a de outros trabalhadores que sonham com outras realidades vistas em revistas, é interpretada aqui como característica de uma masculinidade

subordinada que dá suporte a outros modelos, por almejar esta outra posição considerando-a melhor. No caso de George, o ingresso a outro modelo é dificultado pelo contexto histórico que atrapalha a possibilidade de progressão da sua classe econômica e as implicações que nela estão contidas, mas não é impossível. Todavia, no caso de Crooks, o suporte da masculinidade negra a outros modelos o fere, pois a inadequação do personagem a um modelo superior está diretamente ligada à raça. Dessa forma, ele jamais poderá ascender a um modelo de masculinidade mais prestigiado.

Pode-se dizer que o que faz dos personagens de *Of Mice and Men* “masculinos” é o pertencimento a grupos específicos de homens, os quais têm suas próprias regras e visões acerca da masculinidade. A busca pela visibilidade dos outros se mostra no trabalho, nas conversas, nos jogos e é imposta pela violência. A adequação a tais modelos implica merecimento, e nos trabalhadores do rancho tais méritos se relacionam com a força, com a valentia, com a camaradagem e com o respeito por tal grupo.

A configuração dos espaços é essencialmente masculina e os poucos femininos da obra deveriam ser relegados a um espaço mínimo de atuação e convívio. Ainda assim, é possível depreender que há uma inadequação e rejeição da mulher em um lugar especificamente masculino e a grupos que deveriam se constituir inteiramente por homens. A mulher, para tais homens, deve obedecer ao marido e servi-lo. É importante salientar, ainda, que os masculinos rancheiros, dentro da novela, não possuem mulheres, não são casados. Seu ideal de relação com o sexo feminino é economizar dinheiro para pagar por sexo nas cidades, onde a figura da mulher se restringe ao sexo casual e é resignada ao poder masculino advindo do dinheiro do homem pagante de tais serviços. As mulheres são, portanto, posses e/ou objetos desses masculinos.

Por fim, pontua-se que *Of Mice and Men* é uma obra complexa e ainda que represente uma realidade singular e pertencente a um contexto histórico singular, que é o da Grande Depressão estadunidense, vários são os componentes das relações genderizadas que se repetem: a obra retrata a solidão, mas, mais do que isso, reposiciona o gênero e as relações entre as várias masculinidades como fatores de isolamento e cerceamento de seres que *a priori* seriam iguais.

Referências

BLOOM, Harold. Introduction. In: _____. (Ed.). *Bloom's Guides: Of Mice and Men*. New York: Chelsea House, 2006. p. 7-9.

BUCHBINDER, David. *Studying Men and Masculinities*. New York: Routledge, 2013.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, Bob; LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. *Theory and Society*, v. 14, n. 5, p. 551-604, 1985.

CONNELL, Robert W. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

LAING, R. D. *The Divided Self: an Existential Study in Sanity and Madness*. New York: Penguin Books, 1969.

MEESTER, Leighton. *I'm not a Tart: the Feminist Subtext of Steinbeck's Of Mice and Men*. 15 jul. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/leighton-meester/im-not-a-tart-the-feminis_b_5587422.html>. Acesso em: 10 dez. 2015.

METZ-GÖCKEL, Sigrid; MÜLLER, Ursula. *Der Mann: Die BRIGITTE – Studie*. Weinheim: Beltz, 1986.

REESER, Todd W. *Masculinities in Theory: an Introduction*. Oxford: Willey-Backwell, 2010.

SPIILKA, Mark. Of George and Lennie and Curley's Wife: Sweet Violence. In: MEYER, Michael J. (Ed.). *The Essential Criticism of John Steinbeck's Of Mice and Men*. Maryland: Scarecrow Press, 2009. p. 62-72.

STEINBECK, John. *Of Mice and Men*. New York: Penguin Books, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.